



Como cuidar bem de um bairro



Renata Carneiro

Igrejinha de São Francisco: um bom espaço de convívio social na Pampulha

Melhorias na organização e infra-estrutura do Pop Rock
pág. 3

Poucas lixeiras nas Avenidas Abrahão Caran e Dias Bicalho
pág. 6

Entrevista: advogada fala sobre mercado imobiliário da Pampulha
pág. 7

O problema de mais de um evento nos mesmos dias e local
pág. 8

Carta ao leitor

Fim de ano novamente! 2006 termina com uma belíssima iluminação de Natal de presente para a Pampulha, seus moradores e visitantes. Que todos a admirem e valorizem o conjunto da natureza e arquitetura que compõem a região, buscando inspiração e disposição para dela cuidarem, lutando por sua preservação.

Foi um ano de muito trabalho na Pro-Civitas. Apesar de algumas dificuldades, avançamos na organização de eventos nos estádios e fizemos um acordo na Justiça para controlar a poluição sonora provocada pelo late Tênis Clube (detalhes nesta edição). Nossa campanha para deposição correta de podas de jardins deu ótimo resultado e nos inspira a uma nova, para controle de leishmaniose e dengue. Iniciamos com a Feira de Orgânicos na Praça Dalva Simão, para trazer os moradores à praça e incentivar sua ocupação e preservação. Nossos indicados para a composição do Fórum da ADE-Pampulha têm se dedicado com afinco no controle do licenciamento de novos usos da região. Continuamos com a parceria de trabalho com as associações de bairros da Pampulha, outras de nossa cidade e também de São Paulo. Fazemos parte do Propam, para sermos parceiros na proteção e recuperação da bacia da Pampulha.

Temos, porém, algumas pendências, em cima das quais trabalharemos em 2007. Nessa lista estão incluídas a conclusão do estudo para alteração do tráfego na orla da lagoa e sua posterior implantação, a rearborização das alamedas e o controle das ervas de passarinho nas árvores, a colocação de mais lixeiras e a implementação da coleta seletiva porta-a-porta, uma campanha de limpeza envolvendo jogadores de futebol com a Ademg e outras mais. Continuaremos empenhados para alcançarmos resultados satisfatórios, contando com a colaboração (financeira, ou com trabalhos voluntários e sugestões) de nossos associados e dos moradores e comerciantes.

Sonho para o futuro? Sempre o de melhorar a qualidade de vida de nossos moradores. E o de desenvolver o sentido de comunidade dos pampulhanos, o que, segundo Ross Jackson - canadense PhD em economia radicado na Dinamarca, nos levará a um mundo mais justo e solidário.

Esse mundo muito melhor é o que desejo a todos para 2007. E um Natal de saúde e paz, comemorado com mesa farta, rodeada pela família e pessoas queridas!

Juliana Renault Vaz

Presidente da Associação Pro-Civitas

cartas

Inter-agindo

Lendo o jornal do Pro Civitas, comecei a questionar sobre quanta coisa boa e desagradável acontece na comunidade. "Quem não se comunica se estrumbica", dizia Chacrinha. Hoje, poderíamos dizer: quem não se organiza se estrumbica na escola, no trabalho e na comunidade. Na vida, temos que nos adequar, o que valeria dizer: sem uma boa associação não há organização. As coisas têm mudado muito. Para assistir à tv e ter opções de canais tem que se pagar. Muitas vezes, o celular é exigido em empregos, e quanto ao computador, nem se fala. Quem não souber mexer nele e em recursos como a Internet e e-mail ficará desconectado da realidade. A tecnologia tomou conta de tudo, invadiu nossas vidas, mas a essência destas nunca vai mudar. Todos queremos respeito, carinho, afeto e consideração. "A união faz a força". Juntar forças é cada vez mais importante. Veja a que ponto chegamos. Até o crime se organiza. Por que a sociedade civil não se organiza? Não participar atrapalha todos. "Pimenta nos olhos dos outros é colírio", ou seja, quando o problema parece não ser comigo, não faz diferença. Se o problema é na comunidade, na minha vida ou da minha família, amigos e moradores, então é comigo. Não adianta reclamar sozinho.

Futebol: um elo nacional, vibração geral. Que bom se este patriotismo contagiasse as pessoas a interagir em prol de causas justas para melhorar a comunidade, criando um lugar mais justo de se viver. Torcer pelo Brasil começa aqui, na minha rua, no meu bairro, na minha cidade, justiça social. Viva o espírito comunitário! Solidariedade também é cidadania. Associe-se à Pro-Civitas. Interagir é a questão.

Ricardo Wagner Chaves
morador do Jaraguá

Teste BHTrans - fechamento da Av. Otacilio Negrão deLima

Muito acertada a atitude da BHTrans de fechar a orla para o trânsito pesado. A lagoa é de toda a população de BH.

Já ouvi muita gente dizer que a lagoa virou ponto de prostitutas e de "pegas de carro", e que por isto, não caminha pela orla. Parabéns pelo trabalho da Pro-Civitas.

José Renato Ferreira de Assis

Acho de fundamental importância o fechamento do trânsito naquele ponto. Quando está aberto, acontece um "agarramento" natural na região do Redondo, em frente à Regional da prefeitura (ponto final do ônibus) e no Mineirinho, e muita gente sobe pelas ruas antes deste ponto e passa pelas ruas internas a até 120 km/h. Na minha rua isto é constante. Além disso, o fechamento iria ao encontro da proibição de caminhões trafegarem pela orla, como manda a lei. Mas hoje, sem fiscalização, eles entram por ali e se espalham para todo lado, nas ruas internas inclusive e em alta velocidade. Este último argumento deve reforçar nossa solicitação de fechamento permanente o mais rápido possível, pois tendo que ir pela Antônio Carlos ou Abrahão Caram, evita-se a entrada destes caminhões pelos bairros São Luiz e São José todos.

Claude Mines

Trevo da Coca-Cola

Que tal investir novamente na cobrança da recuperação do famoso "Trevo da Coca-Cola"? O prazo anunciado estourou, as obras no entorno seguem a todo vapor, o Parque Tecnológico está avançando... e nada de ações da COCA! Já cobrei individualmente, mas nada melhor do que reiterar o lembrete pela Pro-Civitas.

Maria das Graças Bregunci

Associação Pro-Civitas dos Bairros São Luís e São José

Av. Santa Rosa, 123 - Belo Horizonte - MG
CEP: 31.270-750

Tel: 3490-4564 - e-mail: pro_civitas@terra.com.br

expediente

Presidente: Juliana Renault Vaz

Vice-presidente: Raquel Teixeira Braga de Souza Goulart.

Diretor Administrativo-Financeiro: Carlos Antônio Quirino.

Conselho Consultivo: Helder Novais, Paulo Emílio Gaissler e Tais Cunha.

Conselho Fiscal: Claude Mines, Éder Figueiredo, Hélio Gonçalves, José Afonso Assumpção, José Flávio Barbosa e Fátima Cassis.

Produção: C.R.I.A. UFMG Jr.

Projeto Gráfico: Cláudia Mendonça.

Diagramação: C.R.I.A UFMG JR.

Projeto Editorial: Cláudia Mendonça, Flávia Reis e Sílvia Dalben.

Apuração, Redação e Edição: Adriana Mitre, Fábio Freitas, Filipe Motta, Filipe Sartoreto, Livia Machado, Mariana Congo, Martha Domingues, Matheus Jasper, Paula Hermont, Renata Carneiro.

Fotografia: Adriana Mitre, Filipe Motta, Martha Domingues, Matheus Jasper, Paula Hermont, Renata Carneiro.

Jornalista Responsável: Jurandira Gonçalves - MG 10185 JP.

Periodicidade: Bimestral - Tiragem: 3.000 exemplares.

notícias

Pop Rock 2006: avanços e desafios na organização

Reportagem: Adriana Mitre e Mariana Congo

Adriana Mitre

O Pop Rock Brasil 2006 aconteceu nos dias 11 e 12 de novembro no estádio do Mineirão e atraiu cerca de 100 mil pessoas. A edição deste ano contou com atrações internacionais da música, tenda eletrônica e área de prática de atividades radicais, como o skate e queda-livre. Eventos de grande porte como o Pop Rock geralmente expõem os habitantes locais à sujeira, à falta de segurança provocada pelos “baderneiros”, aos congestionamentos no tráfego de carros e à poluição sonora. Toda esta problemática vêm sendo debatida e a Associação Pro-Civitas é um espaço importante de discussão e busca por melhorias.

A luta dos habitantes dos bairros do entorno parece ter surtido efeito nesta última edição do Pop Rock. Segundo Thalsma Figueiredo, moradora do bairro São José, já foi possível perceber avanços na organização: o policiamento foi maior, foram colocados banheiros químicos na área externa e os vendedores de comida e bebida ficaram concentrados apenas na área do estacionamento do Mineirão. A melhoria na segurança também foi sentida por outros moradores da região como Elizabeth Dolabella que notou uma maior ação da polícia em relação aos usuários de drogas.

Apesar da melhora na infraestrutura, Elizabeth reforçou a insuficiência dos banheiros químicos na área externa. Ela observou que havia filas enormes que não comportavam o número de pessoas no local. Conseqüentemente, as ruas e mesmo o muro das casas serviram, em muitos casos, como mictório. O desconforto das cenas presenciadas e o mau cheiro provocado acabaram incomodando bastante os moradores da região.

Sobre o ruído provocado pelo evento, houve posições diversas. “Eu moro muito perto do Mineirão, mas não tive problema com o barulho. Nas edições anteriores o barulho era maior. Acredito que eles estudaram a posição do palco para minimizar isso.”, considera Thalsma. Entretanto, essa



Nesta edição do Pop Rock os vendedores ambulantes ficaram todos concentrados apenas na área do estacionamento.

possível mudança do palco pode ter provocado desconforto aos moradores dos bairros mais distantes do Mineirão, como Braúnas e Bandeirantes, onde houve reclamações a respeito da intensidade do som.

Licenciamento

Um evento de grande porte como o Pop Rock Brasil deve ser licenciado de acordo com a Deliberação Normativa nº48/02, editada pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte em 2002. O Secretário da Administração da Regional Municipal da Pampulha, Flávio Carsalade, alega que do ponto de vista de normativo, o Pop Rock foi devidamente licenciado em respeito às normas do código de posturas municipais. A própria Pro-Civitas acompanhou esse processo. Flávio ainda faz considerações: “Nossa preocupação é reduzir esses mega eventos no Mineirão a um número mínimo e fazer com que eles sejam de menor impacto à comunidade. Estamos tentando construir uma agenda comum entre a comunidade e os empreendedores e já estamos conseguindo alguns resultados”.

O conjunto de exigências para

o licenciamento contribui para a realização de eventos mais organizados. Uma das passagens da Deliberação Normativa nº48/02 diz respeito à manutenção do patrimônio público, destacando a exigência de reparos quando houver danos. Há também um termo de responsabilidade que compromete os organizadores a zelarem pela limpeza e destinarem o lixo produzido durante o evento a local adequado. Segundo o gerente regional de limpeza urbana da Pampulha, Osvaldo do Carmo Machado, a organização do Pop Rock 2006 fez um convênio com a Asmare, para onde foi destinado o lixo reciclável. Entretanto, para as próximas edições do evento, ele afirma que a prefeitura só vai liberar o licenciamento se o convênio for feito com a associação de catadores de lixo da Pampulha. A organização do evento justifica que a Asmare tem importante papel social e ecológico em Belo Horizonte e comenta que, em um próximo ano, o Pop Rock pode trabalhar em parceria com a Pampulha.

Apesar de tantas exigências, os termos da Deliberação Normativa nº48/02 não determinam horário para o término desses eventos de grande

porte. Célio Gori, que mora no bairro São José, disse que houve um desrespeito em relação à duração do evento que encerrou por volta de uma da madrugada.

Avanços

Os avanços na organização do Pop Rock foram visíveis tanto pelos moradores quando pelas instituições da Regional Pampulha. “A organização foi melhor, foi mais debatida e conversada dentro da comunidade, mas agora estamos tentando avaliar porque é que o problema do som ocorreu”, relatou Flávio Carsalade, Secretário da Administração da Regional Municipal da Pampulha.

Por parte dos organizadores do Pop Rock Brasil 2006, o diretor artístico da 98 FM, Jonas Vilandez, comenta que foi utilizado som de alta tecnologia no que se refere à qualidade e potência do som emitido. Vilandez também ressalta a importância do diálogo com a comunidade. Ele garante que a organização se empenha a cada ano para investir em infra-estrutura e fazer parcerias que possibilitem um menor impacto ambiental à sociedade.

reportagem especial

Uma questão

Reportagem: Paula Hermont e Renata Carneiro

Renata Carneiro



Diversão e passeio são opções de lazer na Pampulha

As ações sociais são epidêmicas, transmitir o bom exemplo incita outras pessoas a se comportarem da mesma maneira. Atitudes pequenas podem fazer uma grande diferença para sua cidade, para seu bairro e para a sua casa.

Segundo o livro *The Tipping Point*, de Malcolm Gladwell (tradução Ponto de desequilíbrio, de Talita Macedo), grandes mudanças ocorrem repentinamente em um momento dramático. O autor cita o caso da cidade de Nova York, que no início dos anos 90 possuía um alto índice de criminalidade e era alvo de muitas depredações que tendem a desencadear outras. Por exemplo, um prédio que possui uma janela quebrada e não há perspectivas de conserto está fadado à destruição constante, ou seja, cada vez mais janelas serão quebradas.

“A depredação de ambientes públicos é um reflexo de como as pessoas se relacionam com seus espaços cotidianos”, diz a Gerente de Coordenação de Políticas de Plane-

jamento Urbano, Leticia Maria Resende. Segundo ela, é importante lembrar que a cidade como um todo, principalmente espaços de lazer, como as praças, servem para a consolidação de identidades locais. Leticia ainda ressalta que apenas a existência desses espaços não é suficiente, eles devem ser apropriados de maneira sadia. “A forma como essas áreas são projetadas e mantidas vai interferir no modo com que elas serão apropriadas”, acrescenta Leticia.

Educação Ambiental

Uma solução plausível para reverter o quadro de constantes depredações é a educação ambiental. Vale ressaltar que essa questão não se limita às áreas verdes; o cuidado com a cidade e com o bairro precisa de um trabalho educacional muito mais amplo, com ações destinadas à conscientização do cidadão.

Cidadãos que não levam em consideração o meio ambiente tendem a firmar vários problemas de convívio

social. Eles desconsideram os benefícios que a vegetação das praças e parques ecológicos pode oferecer à comunidade. De acordo com o arquiteto e urbanista com especialização em paisagismo, Israel Neves Martins, a vegetação nativa dos parques ecológicos traz a melhoria da qualidade e umidade relativa do ar e a produção de oxigênio.

Israel Neves acrescenta que “a vegetação é um fator fantástico de socialização. A árvore gera necessidades constantes de comunicação, como um galho que vai para a casa do vizinho”. Ele ainda afirma que a sombra das árvores é muito convidativa para longas ‘conversas fiadas’. Aquele que se mostra negligente com relação à vegetação certamente não dará valor a essas coisas e pedirá o corte da árvore do seu quintal, simplesmente porque ela provoca sujeira.

Em palestra do Projeto Manuelzão, parceiro do Programa Semeando, o coordenador geral do Manuelzão, Apolo Heringer Lisboa, cita que a educação ambiental deve ser libertadora, e que é preciso transformar as bacias hidrográficas em grandes escolas. Ele salienta, ainda, que não basta educar a criança a cuidar da água e da cidade se a empregada da sua casa lava a calçada com mangueira.

Socialização

A escola é considerada pelos sociólogos como segundo espaço de socialização da criança. É o local em que ela aprende a dividir um ambiente que é de todos os alunos e tem a

chance de desenvolver seu comportamento em sociedade.

Segundo a diretora e proprietária do Colégio Neuza Rocha e Instituto Rouxinol, do bairro São Luís, a manutenção dos espaços destinados ao convívio social depende muito das próprias pessoas que circulam por ali. “Se você chega a um lugar que está sujo e mal cuidado, não vai se preocupar em cuidar daquele ambiente. Mas se você vai a um lugar que está sempre limpo, o seu comportamento é outro”, afirma a diretora.

No Colégio Neuza Rocha é feito um trabalho de separação do papel usado em sala de aula, onde existe uma lixeira destinada aos resíduos comuns e outra específica para o papel. Além disso, o projeto “Reciclando embalagens” é outra iniciativa que visa à conscientização dos alunos quanto ao destino do lixo e ao cuidado com o bairro.

“A depredação de ambientes públicos é um reflexo de como as pessoas se relacionam com seus espaços cotidianos”

Influências

A escola não é a única responsável pela educação social da criança e do adolescente. A influência dos pais e amigos também é muito relevante. A diretora Neuza Rocha afirmou que, em muitos casos, os alunos chegam à sala de aula contando o que os próprios pais fazem de errado.

de cidadania

nam cidadãos socialmente responsáveis

“Jogar lixo pela janela do carro, não fechar a torneira enquanto se lava a louça ou enquanto se escova os dentes, são atitudes dos pais que parecem pouco significativas, mas as crianças e os adolescentes estão sempre atentos aos mínimos detalhes do que seus pais fazem”, reitera a diretora.

Outra característica que os pais precisam estimular nas crianças e nos jovens é a do bom convívio social. Não provocar ou aceitar brigas com os colegas é um ato de cidadania muito importante para a formação da personalidade e consolidação do caráter das crianças. Cada pessoa deve estar consciente de que o espaço público é de todos, ao contrário do que o senso comum prega de que todo espaço público é de ninguém. Segundo o diretor do Colégio Chromos, Arézio Castelo Branco, “a participação dos pais é grande até a sexta série; a

partir da sétima série eles entendem que o jovem tem certa autonomia, mas não é bem assim não. O acompanhamento na adolescência é tão importante quanto na infância”. Ele ressalta que é nessa fase que os adolescentes mais sofrem influências, como a de seus amigos. “Quando alunos que têm produção mediana se envolvem com bons alunos, a tendência é haver uma produção crescente, e o contrário também é verdadeiro”, sustenta o diretor.

Construindo um bairro

A Pampulha foi projetada no período de Juscelino Kubitschek para ser a área residencial mais nobre de Belo Horizonte. De acordo com o urbanista Israel Neves Martins, “a Lagoa da Pampulha estabeleceu um padrão de urbanização no seu entorno, com lotes de mais de 1000 m²”. Isso implicou em uma baixa densidade demográfica e uma alta taxa de permeabilidade do solo, o que foi decisivo na definição do padrão ambiental da região, fato determinante para a boa qualidade de vida dos moradores.

A intenção era a de criar um verdadeiro cartão postal para Belo Horizonte. Os moradores devem, para tanto, adotar uma política de preservação da região. Sendo assim, a educação ambiental é imprescindível, da mesma maneira que a conscientização e o cuidado com o espaço. Fica como tarefa dos pais e educadores demonstrar às crianças a importância de tais ações e que, certamente, o bom exemplo é a melhor forma de ensinar.

Combate à pichação

“Pichação consiste em fazer algo que confronte a sociedade, às vezes com frases de protesto, outras com assinaturas pessoais”, segundo a enciclopédia Wikipedia. Conforme o delegado Hécio de Sá Bernardes, da 16ª delegacia da Polícia Civil, o número de pichações sofreu uma queda substancial, devido a um trabalho de monitoramento da Polícia Civil, que elaborou um arquivo com o registro e qualificação dos autores.

Nota-se que o pichador não atende apenas a uma faixa sócio-econômica, mas é possível delinear uma faixa etária predominante: adolescentes entre 12 e 17 anos. Pensando nisso, foi criada uma Campanha com o objetivo de conscientizar os estudantes de que esta prática é ilícita e traz prejuízos visuais para o bairro. A campanha envolve a Polícia Militar, Polícia Civil, a Associação Pro-Civitas e os Colégios Santa Marcelina, Chromos e Neuza Rocha.

Segundo a presidente da Pro-Civitas, Juliana Renault Vaz, a Campanha possui três objetivos: “conscientizar os alunos da gravidade do delito, demonstrar o impacto negativo das pichações na vida da cidade e do cidadão e convencê-los a tomar uma atitude contrária, que seria a da limpeza da cidade”.

Não é arte

Grafite e pichação não são o mesmo tipo de manifestação da identidade pessoal ou do grupo. “O grafite não é considerado uma forma de depredação, pelo contrário, é entendido como arte”, afirma o delegado Hécio Sá. O morador pode ‘grafitar’ o muro de sua casa, desde que as



Paula Hermon

Depredação ainda é recorrente na Praça Alberto Dalva Simão, na orla da Lagoa

ilustrações não façam apologia ao crime e nem vão contra a moral. A vantagem do grafite nos muros é que existe um código informal de comportamento entre ‘pichadores e grafiteiros’. “É um código de honra entre eles; onde há pichação o grafiteiro não entra e vice-versa”, afirma.

A pichação é considerada um crime de dano, prescrito no Artigo 163 do Código Penal, e não uma arte. O ambiente noturno parece mais propício para o delito. Porém, de acordo com o delegado Hécio Sá, na região da Pampulha, as ruas não têm muita movimentação e “a Polícia já detectou que a maioria das pichações da região ocorre durante o dia”.

O patrulhamento ostensivo das ruas é uma forma de se prevenir o crime, mas o apoio da comunidade é fundamental. É importante que o morador cuja propriedade foi pichada ou que tenha presenciado a prática do delito registre a pichação, por meio de uma fotografia, verifique o horário aproximado e entre em contato com a Polícia Civil o mais rápido possível pelo telefone 0800-30-5000, o disque cidadão.



Renata Carneiro

Colégio Neuza Rocha dá exemplo de cidadania

artigo

O DIA V. Voluntários em Ação

Com uma frase de Carlos Drummond de Andrade, o Consep 15 (Conselho Comunitário de Segurança Pública das regiões de Venda Nova e Pampulha) fez seu lema para a campanha Respeite o Pedestre: "O direito de andar, de ir e vir, previsto em todas as constituições... o mais humilde e o mais desprezado de todos os direitos do homem. Com licença: queremos passar."

Este lema foi entregue em forma de calendário aos 500 motoristas e motociclistas abordados nesta ação, juntamente com uma cartilha produzida pela BHTRANS – Nas Ruas de BH – Limites de velocidade e Dicas de Segurança da PM.

O DIA V nasceu de uma proposta do Sistema FIEMG de chamar as empresas mineiras para um dia de ação voluntária, criando, assim, um fato de repercussão nacional, capaz de despertar a atenção para o voluntariado.

O Comitê do Consep 15, que tem como finalidade estimular, promover e articular ações voluntárias na área da segurança pública, vem contribuindo com uma proposta nova, a Segurança Comunitária Participativa. Assim, o cidadão pode participar, contribuindo para a segurança em nossa cidade.

Os Conseps 14 e 15, das regiões da Pampulha e Venda Nova, criaram a campanha "Respeite o Pedestre" com o objetivo de promover uma ação conjunta entre a comunidade e todos os órgãos de segurança.

Essa campanha chamou a atenção por ter sido elaborada para que todos respeitem os pedestres em nossa cidade, sejam eles idosos, crianças, adolescentes, adultos, jovens, com problemas ou não de locomoção.

Hoje, temos um grande problema em Belo Horizonte de falta de respeito ao pedestre.

Nossa campanha, visando mudar essa situação, promoveu no dia 3 de dezembro, na Av. Érico Veríssimo, uma Blitz educativa. Dela participaram a comunidade, nossos parceiros Polícia Militar, Polícia Civil, BHTRANS, Voluntários da Terra da Sobriedade, ACOMINAS, Rotary Clube do Brasil, Diretório Newton de Paiva e a Regional Venda Nova, além dos 28 voluntários da ação.

Lúcia Alves Fonseca
Diretora do Consep 15

notícias

Natal Iluminado

Reportagem: Martha Domingues

Este ano a Pampulha terá um Natal mais iluminado. A região, cartão postal de Belo Horizonte, terá 400 palmeiras e 80 árvores da orla iluminadas. Além disso, serão montadas duas árvores, uma de 35 metros de altura, em frente ao Pampulha late Clube, e outra de 39 metros no Parque Ecológico, que também terá um presépio em tamanho real.

A idéia da iluminação na região já é um antigo sonho dos moradores e da prefeitura, que este ano juntaram forças para montar o projeto e conseguir o financiamento para execução do plano. De acordo com Maria Cristina Lauar, Chefe de Gabinete da Secretaria de Administração Regional Pampulha, "a prefeitura irá iluminar a lagoa; cabe aos moradores iluminarem suas casas, para que a região fique mais bonita".

Além da iluminação, a região também contará com uma programação cultural até o dia 23 de dezembro. Serão diversas apresentações musicais com corais e shows. Os eventos acontecerão na Praça Dino Barbieri, em frente à Igrejinha da Pampulha, sempre a partir das 19 horas. A programação completa do evento pode ser



Martha Domingues

Palmeiras iluminam orla da lagoa

encontrada no site da Belotour (www.belohorizonte.mg.gov.br) ou pelo telefone 3277-9777.

A mudança

A iluminação de Natal realizada pela prefeitura, que antes acontecia na Avenida Afonso Pena, este ano foi passada para a Pampulha. "Foi uma decisão para privilegiar o cartão postal da cidade", diz Lauar.

Thalita Lin, moradora da Pampulha, acha a proposta interessante, pois na região não há tanta decoração e esta seria uma iniciativa para valorizar um ponto turístico da cidade. Já Lorena Abelha, moradora do centro da cidade, considera que deveria haver iluminação nos dois lugares, "pois a decoração na Afonso Pena já é tradicional e na Pampulha é uma maneira de valorizar a região," diz.

Sem solução?

Reportagem: Matheus Jasper Nangino

Em 2005, foram solicitados à SLU (Superintendência de Limpeza Urbana) alguns contêineres de coleta seletiva que até o mês de novembro passado estavam em desuso em um galpão na Avenida dos Andradas. A Pro-Civitas objetivava colocá-los nas avenidas Abrahão Caran e Coronel Dias Bicalho. Em julho de 2005 uma perita da Superintendência esteve nesses locais. Entretanto, segundo a



Matheus Jasper Nangino

Lixo é jogado na rua

presidente da Pro-Civitas, Juliana Renault Vaz, nenhum retorno foi dado à Associação.

Representantes da SLU da regional Pampulha informaram que o pedido chegou até eles e foi enviado para a Central. A chefe do Departamento de Programas Especiais da SLU, Aurora Pederzoli, esclareceu que os contêineres não podiam ser liberados para essas avenidas porque eles se destinam a reposição de outros que são periodicamente depredados. "O caso não é apenas instalar contêineres, existe uma questão de logística. Além disso, no caso da Abrahão Caran, que está próxima ao Mineirão, já se sabe que é inviável por causa da depredação", explica Pederzoli. Ela afirma ainda que um ofício datado de 11 de agosto de 2005 foi

enviado à Associação.

Ao andar pela Avenida Abrahão Caran pode-se constatar o pequeno número de lixeiras instaladas no local. Assim como na Avenida Coronel Dias Bicalho, o lugar é um corredor de passagem de muitos pedestres além de haver vários pontos de ônibus. "É muito importante a implantação de contêineres de coletas seletivas nessas avenidas. O local é estratégico tanto para moradores como para comerciantes", afirma o gerente regional de limpeza urbana Pampulha, Osvaldo Machado. Parece que, no entanto, a situação das avenidas continuará como está. Atualmente, a SLU faz o recolhimento de papel, metal, plástico e vidro em 25 pontos da região da Pampulha.

notas

ACORDO COM IATE TÊNIS CLUBE

Firmou-se um acordo na 6ª Vara da Fazenda Municipal entre a Pro-Civitas e o Iate Tênis Clube, limitando as festas noturnas do clube, na parte externa, a quatro por ano, inclusos Reveillon e baile de Carnaval. A multa a cada evento a mais é de R\$100.000,00. O clube deve apresentar em juízo, em 60 dias, projeto de isolamento acústico do salão Lagoa, informará o cronograma de festas do salão Portinari à Pro-Civitas e se compromete a controlar emissões sonoras.

NOVA UNIDADE DE RECEBIMENTO DE PEQUENOS VOLUMES

Está em construção a quinta Unidade de Recebimento de Pequenos Volumes (URPV) da Pampulha, no bairro Liberdade. URPVs são espaços públicos destinados pela Prefeitura a lixo residencial coletado por carroceiros, e são parte do Programa de Reciclagem de Resíduos Sólidos de Belo Horizonte. Segundo Osvaldo Machado, gerente regional de limpeza urbana da Pampulha, as URPVs contribuem com a limpeza da cidade e são fonte de renda de carroceiros, que recebem dos moradores de locais onde trabalham de R\$600 a R\$800 por mês. A BHTrans ensina-lhes como trafegar, faz seu cadastro, entrega-lhes uma espécie de "carteira de habilitação" e emplaca as carroças. A inauguração da URPV deve ocorrer em janeiro.

EXPOSIÇÕES NO MUSEU DE ARTE DA PAMPULHA

Até 7 de janeiro, o Museu de Arte da Pampulha abriga obras de quatro artistas. A paulista Jac Leirner, no projeto Arte Contemporânea, expõe instalações feitas de objetos como adesivos e sacolas plásticas. Do projeto Bolsa Pampulha, expõem Waleria Américo e Ticiano Monteiro, de Fortaleza, e André Komatsu, de São Paulo. Entre as obras, há vídeos, fotografias e instalações. Horário de visitação: terça a domingo, de 9h às 19h. Contato: 3277-7953. Entrada gratuita.

entrevista

O polêmico mercado imobiliário da Pampulha

Reportagem: Filipe Motta e Livia Neto

Angela Garçon Sendas, advogada e membro da Comissão de Direito Urbanístico da OAB/MG, fala sobre o mercado imobiliário da região da Pampulha.

JP: Na orla da Lagoa da Pampulha, o uso não-residencial restringe-se a atividades de lazer, cultura e turismo. As áreas desocupadas estão sujeitas à ocupação clandestina?

AS: Apesar da Constituição Federal ter consagrado a função social da propriedade e de termos instrumentos, como o IPTU progressivo, para forçar os proprietários a darem o uso adequado à sua propriedade, existem espaços físicos ociosos nas cidades. Quando se tem carência de moradia e de emprego corre-se este risco. Muitas pessoas vão olhar para este espaço desocupado e o ocuparão de alguma forma, construindo nele, de forma precária, a sua casa ou seu espaço de trabalho.

JP: A finalização das obras da Linha Verde, a possível transferência do centro administrativo do governo estadual e a duplicação da Avenida Antônio Carlos criam expectativas sobre um aumento do fluxo de pessoas na região da Pampulha. Isso é benéfico?

AS: Tornar a Pampulha efetivamente um centro turístico, cultural, de lazer, vai valorizar o imóvel dos proprietários e beneficiar as pessoas que aqui residem e os empresários que aqui investem ou investirão. Tudo será benéfico desde que sejam respeitados os limites legais.

JP: Uma das questões que levam ao grande fluxo de desocupação dos imóveis da Pampulha é o preço elevado dos aluguéis na região, se comparado à zona sul da cidade. Quais as possibilidades dessa situação ser revertida ou de se melhorar essa ocupação?

AS: Uma coisa interessante está acontecendo atualmente: com a criação dos condomínios fechados, a camada social mais favorecida economicamente está deixando de residir nos bairros centrais e começando a procurar os subúrbios mais longínquos, porque ali se constroem condomínios com uma infra-estrutura bárbara e bastante seguros. Quando uma camada social desocupa um local, ela possibilita que a classe subsequente ocupe esse espaço que foi deixado. Então, se aqueles que possuem maior poder aquisitivo estão preferindo os condomínios fechados e os aluguéis estão muito elevados para a ocupação residencial da camada social subsequente, o espaço será aberto para a locação comercial. Foi assim que muitos bairros, antes

“Tudo será benéfico desde que sejam respeitados os limites legais.”

totalmente residenciais, passaram a ser, também, comerciais.

PC: Isso poderia acontecer na Pampulha?

AS: Eu acho que já está acontecendo. Nos bairros já podem ser encontrados muitos prédios nos quais não moram pessoas da classe mais alta, moram pessoas da classe média.

PC: A povoação da região vai acontecer naturalmente ou é necessário criar uma política?

AS: É preciso criar uma política de urbanização, ocupação e uso do solo, para que os problemas sejam contornados. Dessa forma, haverá progresso e desenvolvimento sem causar problemas a ninguém.

JP: A prefeitura alega que não tem condições de investir na Lagoa. O que você acha do investimento advindo da



Filipe Motta

A advogada Ângela Garçon Sendas

iniciativa privada?

AS: É inevitável que o poder público deixe determinadas coisas à iniciativa privada. Isso deve ser permitido, desde que haja regulamentação e fiscalização do poder público.

JP: A legislação atual permite isso?

AS: Permite. O Plano Diretor, por exemplo, determina que algumas regiões, devido a suas singularidades, possuam uma regulamentação específica. A Pampulha é uma dessas áreas de diretrizes especiais. Na lei está claro, por exemplo, que para um restaurante ser montado deve-se preocupar com a infra-estrutura do local, viária inclusive.

Isso não significa que os moradores da Pampulha não queiram o desenvolvimento, o progresso. Ao meu entender, eles só pedem uma coisa: que seja respeitado o fato de que a Pampulha é o seu local de lazer, mas também é o seu local de descanso. Imagine a seguinte situação: você mora em determinado bairro, à noite vem para a Pampulha, entra em uma discoteca, um restaurante, se diverte até uma, duas horas da manhã, volta para casa e descansa, consegue dormir. Mas o morador da Pampulha sai desse mesmo local, dobra a esquina e entra em casa. Se a vedação acústica não for respeitada ele não vai conseguir dormir. Os moradores da Pampulha lutam por isto, para que seu espaço de residência seja respeitado.

bairro-a-bairro

Cinco já é demais

Reportagem: Filipe Sartoreto

Grande número de eventos realizados no domingo incomoda moradores da região do Mineirão.

Feira de carros, feira de artesanato, jogos de futebol, encontros evangélicos e até shows de rock e axé, são eventos que acontecem normalmente nos finais de semana na região do Mineirão. Só que, muitas vezes, dois, três e até cinco desses eventos acontecem no mesmo dia, o que causa bastante transtorno aos moradores.

Lilian Luzzi, moradora da Rua Arthur Itabirano, próxima ao Mineirinho, conta que nos dias de jogos e shows, a calçada em frente à sua casa é utilizada como banheiro e local para consumo de drogas. Além do som alto que não a deixa dormir e dos fogos de artifício lançados no bar Mineiríssimo até 1:30 da manhã. Lilian defende que seja realizado apenas um evento a cada dia, já que além dos transtornos serem enormes, essa concentração de eventos prejudica o meio ambiente, por causa da poluição sonora e do lixo produzido em decorrência dos eventos.

Mário Buratto, morador do bairro Bandeirantes, próximo à Toca da Raposa, reclama que no domingo, dia 3 de dezembro, foram realizados, além das feiras de carros e de artesanato, a Volta da Pampulha, a primeira etapa do vestibular da UFMG



O Axé Brasil é um dos eventos que incomodam os moradores da região do Mineirão

e um jogo de futebol. Ele conta que “o trânsito nesse dia estava caótico, cada um fazia o que queria, os motoristas avançavam o sinal, entravam na contra-mão, e não havia nenhum funcionário da BHTrans, para organizar o tráfego.”

Para que um evento de grande porte seja realizado, ele deve passar por um processo de licenciamento da prefeitura, por intermédio da regional Pampulha, pelo Corpo de Bombeiros, pela BHTrans e pela Polícia Militar. O comandante da 17ª Companhia do 34º Batalhão da PM, major Francisco José Pereira, responsável pela área do Mineirão, afirma que “para atender a mais de um evento no mesmo dia, mesmo que sejam no mesmo local, é necessário o apoio de outros batalhões”, como o Batalhão de Eventos e a academia da Polícia Militar.

A Deliberação Normativa, de número 43/02, expedida pela Secretaria Municipal da Coordenação de Política Urbana e Ambiental de Belo

Horizonte, previa a proibição de licenciamento de mais de um evento por dia em um mesmo local. Porém essa norma não é mais cumprida. De acordo com Miriam Barreto, gerente de regulação urbana da regional Pampulha, as feiras de carros e artesanato e os jogos de futebol não são licenciados pela prefeitura. Ela afirma que a Administração de Estádios do Estado de Minas Gerais (Ademg), já há algum tempo, não tem solicitado o licenciamento dos mesmos, realizando-os sem a devida autorização da prefeitura da cidade.

O chefe da divisão de comercialização da Ademg, Herculano José Batista, afirma que todos os eventos realizados pelo órgão são devidamente licenciados pela prefeitura, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros e BHTrans. Herculano diz que não vê problema na realização de mais de um evento no mesmo dia, uma vez que o horário dos mesmos não costuma coincidir.

você sabia...

De acordo com o Código de Trânsito Brasileiro, em lugares onde não há ciclovia ou área específica para o trânsito de bicicletas, a circulação das mesmas deve acontecer nos bordos da pista de rolamento, no mesmo sentido de circulação da via, com preferência sobre veículos motorizados.

O ciclista desmontado, empurrando seu veículo, iguale-se aos pedestres, em termos de direitos e deveres.

Em caso de autorização e devida sinalização feita pelo órgão ou entidade responsável pela via, é permitida a circulação de bicicletas nos passeios, desde que esta não traga prejuízos ao fluxo de pedestres.

Conforme o Artigo 255 do Código de Trânsito Brasileiro, “Conduzir bicicleta em passeios onde não seja permitida a circulação desta, ou de forma agressiva” pode acarretar em infração, multa ou medida administrativa. Neste último caso, ocorre a retenção da bicicleta, que só pode ser recuperada mediante a entrega do recibo de pagamento da multa.

Jornal da Pro-Civitas



Associação Pro-Civitas dos Bairros São Luís e São José
Av. Santa Rosa, 123 - Belo Horizonte - MG - CEP: 31.270-750
Tel: 3490-4564 - e-mail: pro_civitas@terra.com.br